

Maior parte dos credores já aderiu ao acordo

Roberto Garcia
Correspondente

WASHINGTON — Quase 80% dos bancos que devem contribuir com um total de 3 bilhões de dólares para financiamento de juros não pagos pelo Brasil no período da moratória já anunciaram sua adesão ao pacote, informaram ontem porta-vozes dos credores. Uma parte substancial desses bancos aderiu até a meia-noite de quinta-feira passada, estimulados pelo prêmio de 0,125% que o Brasil concordou em pagar a fim de conseguir uma conclusão rápida do pacote. Os bancos que não se comprometeram até aquele prazo mas aderirem até a meia-noite de hoje receberão 0,0625%. Os que não mandarem telex até o fim desse segundo prazo terão que contentar-se com apenas uma taxa de risco de 0,875% acima da taxa flutuante de juros Libor e uma taxa adicional de 0,125%.

Embora o Banco de Tóquio, que é o maior banco japonês, já tenha manifestado sua intenção de participar do pacote, outras grandes instituições bancárias japonesas ainda não mandaram telex. Por causa disso, membros do comitê que representa todos os credores passaram o dia em contatos telefônicos, tentando convencer seus colegas japoneses a tomar uma decisão rapidamente. Dificuldades semelhantes com dois importantes bancos ingleses — Barclays e National Westminster — já tinham sido superadas anteriormente.

Apesar do nível alto de adesões, levando em conta o prazo curto dado para que os bancos participem, até agora há preocu-

pação com o resto dos bancos, visto que o pacote só pode ser considerado bem-sucedido quando uma *massa crítica* de 99% adere.

As razões dos bancos ainda relutantes em entrar no pacote de US\$ 3 bilhões são várias. Os japoneses, por exemplo, ainda não conseguiram autorização do governo para descontar no imposto de renda os montantes de seu capital que tiveram de desviar para aumentar reservas. O aumento de reservas ficou necessário quando a moratória completou seis meses.

Outros bancos citam a falta de um acordo brasileiro com o FMI até agora, embora o governo já tenha iniciado negociações com aquela instituição a fim de entrar num arranjo, possivelmente no início do ano. Outros ainda consideram insuficientes as medidas tomadas até agora para controlar os déficits públicos ou questionam os compromissos de um governo que pode não durar muito no poder.

A equipe de negociadores brasileiros liderada por Fernão Bracher teve ontem sua segunda reunião com os banqueiros a respeito do reescalonamento da dívida vencida e a vencer de 1987 a 1989. As discussões estão ainda numa fase muito preliminar e deverão durar várias semanas.

Enquanto Bracher discutia com os credores em Nova Iorque, o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, encontrou-se ontem em Washington com seu colega americano Alan Greenspan. Milliet foi explicar detalhes das reivindicações brasileiras, especialmente no que diz respeito à conversão da dívida em títulos a longo prazo e pedir apoio americano.